

Espécies de espaços

Espèces d'espaces

Georges Perec

Tradução de

André Vechi Torres

 0000-0001-7004-5974

Mônica Coster

 0000-0001-8610-5783
costerponte@gmail.com

Rafael Amorim

 0000-0002-0914-2908

Resumo

Escrito em 1973 e 1974, ano em que foi publicado pela Éditions Galilée, *Espécies de espaces* (*Espèces d'Espaces*) é um texto bastante difundido de Georges Perec que, até então, não tinha sido traduzido para o português. O autor, um dos expoentes do grupo OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle), movia sua escrita, muitas vezes, a partir do engendramento de procedimentos. Em *O Sumiço* (1969), por exemplo, ele escreve apenas com vocábulos nos quais está ausente a letra E. Em *Tentativas de esgotamento de um local parisiense* (1975), ele se propõe a descrever uma praça sob diferentes perspectivas. Em *Espécies de espaço*, Perec traça um levantamento das diferentes especialidades que nos circunscrevem e que circunscrevemos em um movimento de expansão, partindo da página, como espaço de escrita, ao cosmo.

Palavras-chave

Espaço. Página. Cama. Quarto. Apartamento.

Résumé

Écrit entre 1973 et 1974, année de sa parution aux Éditions Galilée, *Espèces d'Espaces* est un texte très connu de Georges Perec qui, à ce jour, n'a pas encore été traduit en portugais. L'auteur, l'un des représentants du groupe de l'OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle), a souvent éloigné son écriture de l'engendrement des procédures. Dans *La disparition* (1969), par exemple, il écrit uniquement avec des mots où la lettre E est absente. Dans *Tentatives d'épuisement d'un lieu parisien* (1975), il entreprend de décrire une place sous différents angles. Dans *Espèces d'espace*, Perec esquisse une enquête sur les différentes spécialités qui nous circonscrivent et que nous circonscrivons dans un mouvement d'expansion, partant de la page, comme espace d'écriture, jusqu'au cosmo.

Mots-clés

Espace. Page. Lit. Chambre. Appartement.

Para Pierre Getzler

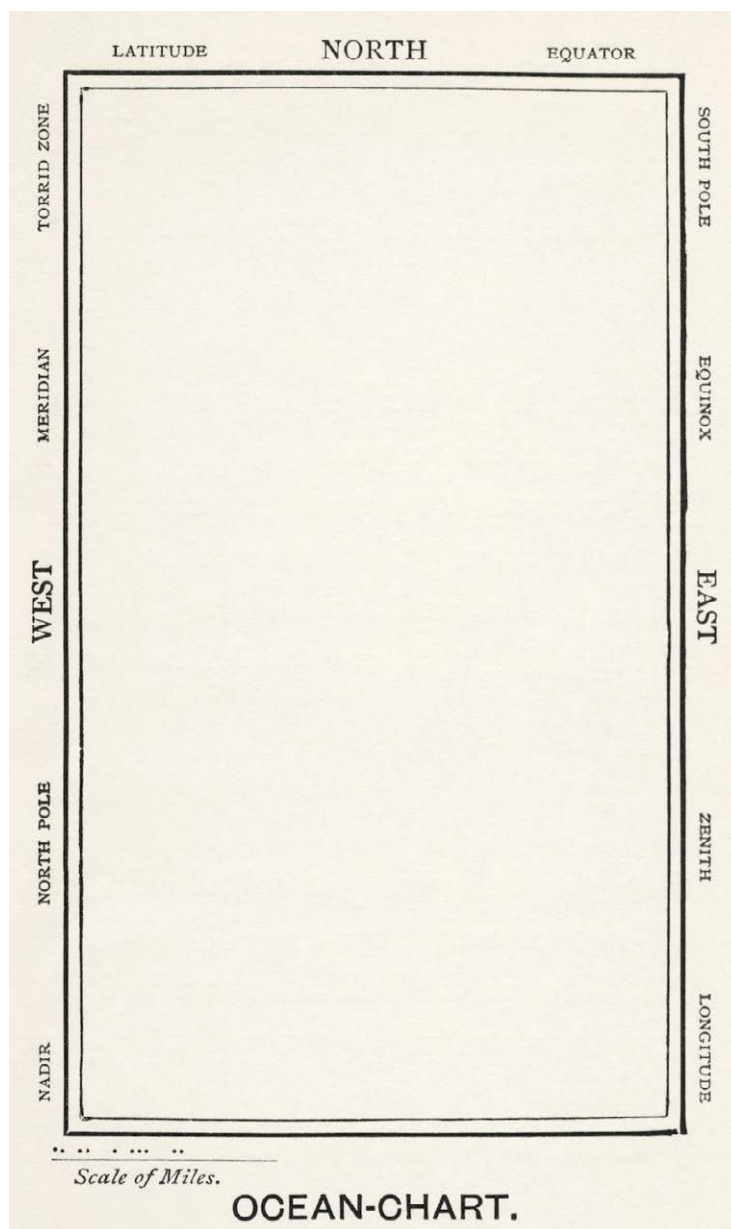


Figura 1
Mapa do Oceano (trecho de
A caça ao Snark, de Lewis
Carroll)

	ESPAÇO	
	ESPAÇO	ABERTO
	ESPAÇO	FECHADO
	ESPAÇO	ENCLAUSURADO
FALTA DE	ESPAÇO	
	ESPAÇO	CONTADO
	ESPAÇO	VERDE
	ESPAÇO	VITAL
	ESPAÇO	CRÍTICO
POSIÇÃO NO	ESPAÇO	
	ESPAÇO	DESCOBERTO
DESCOBERTA DO	ESPAÇO	
	ESPAÇO	OBLÍQUO
	ESPAÇO	VIRGEM
	ESPAÇO	EUCLIDIANO
	ESPAÇO	AÉREO
	ESPAÇO	CINZA
	ESPAÇO	TORTO
	ESPAÇO	ONÍRICO
BARRA DE	ESPAÇO	
PASSEIOS PELO	ESPAÇO	
GEOMETRIA DO	ESPAÇO	
OLHAR VARRENDO O	ESPAÇO	
	ESPAÇO	TEMPO
	ESPAÇO	MEDIDO
A CONQUISTA DO	ESPAÇO	
	ESPAÇO	MORTO
	ESPAÇO	DE UM INSTANTE
	ESPAÇO	CELESTE
	ESPAÇO	IMAGINÁRIO
	ESPAÇO	NOCIVO
	ESPAÇO	BRANCO
	ESPAÇO	DE DENTRO
O ANDARILHO DO	ESPAÇO	

	ESPAÇO	ROMPIDO
	ESPAÇO	ORDENADO
	ESPAÇO	VIVIDO
	ESPAÇO	MOLE
	ESPAÇO	DISPONÍVEL
	ESPAÇO	PERCORRIDO
	ESPAÇO	PLANO
	ESPAÇO	PADRÃO
	ESPAÇO	AO REDOR
RODEAR O	ESPAÇO	
NAS BORDAS DO	ESPAÇO	
	ESPAÇO	DE UMA MANHÃ
OLHAR PERDIDO NO	ESPAÇO	
OS GRANDES	ESPAÇO	
A EVOLUÇÃO DOS	ESPAÇO	
	ESPAÇO	SONORO
	ESPAÇO	LITERÁRIO
ODISSEIA NO	ESPAÇO	

Prólogo

O assunto deste livro não é exatamente o vazio, mas sim aquilo que está ao redor ou dentro (cf. fig. 1). De início, porém, não há muito: o nada, o impalpável, o praticamente imaterial: a extensão, o exterior, aquilo que é exterior a nós, aquilo em meio ao qual nós nos deslocamos, o meio ambiente, o espaço ao redor.

O espaço. Não somente os espaços infinitos, aqueles cujo mutismo, excessivamente prolongado, acaba por desencadear algo que se parece com o medo, nem mesmo os já quase domesticados espaços interplanetários, intersiderais ou intergalácticos, mas os espaços muito mais próximos, ao menos em princípio: as cidades, por exemplo, ou os campos, ou os corredores do metrô, ou um parque público.

Nós vivemos no espaço, nesses espaços, nessas cidades, nesse campo, nesses corredores, nesses parques. Isso nos parece óbvio. Talvez isso deveria ser efetivamente óbvio. Mas isso não é óbvio, nem ululante. É real, obviamente, e, como consequência, é verossimilmente racional. Nós podemos tocar. Nós podemos até mesmo nos permitir sonhar. Não há nada, por exemplo, que nos impeça de imaginar coisas que não seriam nem cidades, nem campos (ou subúrbios) ou corredores de metrô que seriam, ao mesmo tempo, parques. Nada tampouco nos impede de imaginar um metrô em pleno campo (até já vi uma propaganda com esse tema, mas – como eu poderia dizer? – era uma campanha publicitária¹). O certo, em todo caso, é que em uma época, sem dúvidas demasiado remota para qualquer um de nós ter guardado memória suficientemente precisa, não houve nada desse tipo: nem corredores, nem parques, nem cidades, nem campos. O problema não é tanto saber como chegamos aqui, mas simplesmente reconhecer que nós chegamos aqui e aqui estamos: não há um espaço, um belo espaço, um belo espaço ao redor, um belo espaço ao redor de nós, há todo um conjunto de pequenos pedaços de espaço, e uma dessas partes é um corredor de metrô, e outra é um parque; uma outra (aqui, repentinamente, entramos em espaços muito mais particularizados), originalmente de tamanho um tanto mais modesto, alcançou dimensões colossais e se tornou Paris, como um espaço vizinho, não menos bem provido, a princípio,

¹ Perec faz aqui um jogo de palavras, explorando o duplo sentido do termo francês *campagne*, que pode se referir tanto à zona rural (campo) quanto a campanhas publicitárias. (N.T.)

contentou-se em ser Pontoise. Ainda um outro, muito maior e vagamente hexagonal, foi cercado por uma larga linha pontilhada (inúmeros eventos, alguns deles particularmente graves, tiveram como único propósito constituir o traçado dessa linha pontilhada) e foi decidido que tudo que se encontrasse *dentro* dessa linha pontilhada seria colorido de violeta e se chamaria França, enquanto tudo que se encontrasse *fora* dessa linha pontilhada seria colorido de cor diferente (apesar de que, fora do dito hexágono, espaços não queriam ser de modo algum uniformemente coloridos: tal pedaço de espaço queria sua própria cor e tal outro queria uma outra, daí o famoso problema topológico das quatro cores atualmente ainda não resolvido) e teria outro nome (de fato, por alguns anos, insistiu-se muito em colorir de violeta – e assim, chamar de França – partes de espaços que não pertenciam ao hexágono mencionado, e muitas vezes estavam muito distantes dele, mas, em geral, funcionou muito menos.)

Resumindo, os espaços multiplicaram-se, fragmentaram-se e se diversificaram. Há espaços hoje de todos os tipos e tamanhos, para todos os usos e para todas as funções. Viver é passar de um espaço para o outro, fazendo o seu melhor para não colidir.

OU, SE PREFERIR:

ATO UM

Voz em *off*: Ao norte, nada. Ao sul, nada. Ao leste, nada.

Ao oeste, nada.

No centro, nada.

Cai o pano. Fim do Ato Um.

ATO DOIS

Voz em *off*: Ao norte, nada. Ao sul, nada. Ao leste, nada.

Ao oeste, nada.

No centro, uma tenda.

Cai o pano. Fim do Ato Dois.

ATO TRÊS E FINAL

Voz em *off*: Ao norte, nada. Ao sul, nada. Ao leste, nada.

Ao oeste, nada.

No centro, uma tenda,

e,

em frente à tenda,

um subordinado ocupa-se engraxando um par
de botas

COM GRAXA “LION NOIR”!

Cai o pano.

Fim do Ato Três e Final.

(Autor desconhecido. Aprendido por volta de 1947, recordado em 1973)

OU AINDA:

*Em Paris, há uma rua;
nessa rua, há uma casa;
nessa casa, há uma escada;
nessa escada, há um quarto;
nesse quarto, há uma mesa;
sobre a mesa; há um pano;
sobre o pano, há uma gaiola;
nessa gaiola, há um ninho;
nesse ninho, há um ovo;
nesse ovo, há uma ave.*

*A ave fez cair o ovo;
o ovo fez cair o ninho;
o ninho fez cair a gaiola;
a gaiola fez cair o pano;
o pano fez cair a mesa;
a mesa fez cair o quarto;
o quarto fez cair a escada;
a escada fez cair a casa;
a casa fez cair a rua;
a rua fez cair a cidade de Paris.*

Canção infantil de Deux-Sèvres
(Paul Éluard, *Poésie involontaire et poésie intentionnelle*)

A página

Escrevo para me percorrer
Henri Michaux

1

Escrevo...

Escrevo: eu escrevo...
Escrevo: 'eu escrevo...'
Eu escrevo que eu escrevo...
etc.

Escrevo: traço palavras numa página.

Letra por letra, um texto se forma, afirma-se, confirma-se, fixa-se, congela-se:
uma linha estritamente h

o
r
i
z
o
n
t
a
l

se dispõe na folha de papel em branco, enegrece
o espaço virgem, confere-lhe uma direção, vetoriza-o:
da esquerda para a direita

d
e
c
i
m
a

a
b
a
i
x
o

Antes, não havia nada, ou quase nada; depois, também não há muita coisa, alguns sinais, mas que são suficientes para que haja um em cima e um embaixo, um começo e um fim, uma direita e uma esquerda, uma frente e um verso.

2

O espaço de uma folha de papel (padrão internacional, como usado em administrações, à venda em todas as papelarias) mede 623,7cm². É preciso escrever um pouco mais de dezesseis páginas para ocupar um metro quadrado. Supondo que o formato médio de um livro seja 21 x 29,7cm, poderíamos, desmembrando todas as obras impressas conservadas na Biblioteca Nacional e espalhando as páginas cuidadosamente, umas ao lado das outras, cobrir totalmente, tanto a Ilha de Santa Helena quanto o Lago Trasimeno.

Poderíamos também calcular o número de hectares de florestas que tiveram de ser derrubadas para produzir o papel necessário para imprimir as obras de Alexandre Dumas (Pai) que, recordamos, fez construir uma torre em que cada pedra levava gravado o título de um de seus livros.

3

Escrevo: habito minha folha de papel, eu a preencho, eu a percorro.

Estimulo os brancos, os espaços (saltos no sentido: descontinuidades, trechos, transições).

Escrevo
na
margem...

um novo parágrafo. Refiro-me a uma nota de rodapé²

Começo

Mudo de página.

² Gosto muito das notas na parte inferior da página, mesmo que eu não tenha nada em particular para esclarecer lá.

4

Há poucos acontecimentos que não deixam ao menos um traço escrito. Quase tudo, em um momento ou em outro, passa por uma folha de papel, uma página de caderno, uma folha de agenda ou não importa qual outro suporte favorável (um bilhete de metrô, uma margem de jornal, um maço de cigarros, o verso de um envelope etc.) sobre o qual vem se inscrever, em uma velocidade variável e conforme técnicas diferentes de acordo com o local, a hora ou o humor, um ou outro dos diversos elementos que compõem o ordinário da vida: isso vai, no que me concerne (mas talvez eu seja um exemplo bem escolhido demais, posto que uma de minhas atividades principais é precisamente escrever), de um endereço pego no ar, de um encontro anotado às pressas, de um cheque, de um envelope ou de um pacote, à redação laboriosa de um carta administrativa, do preenchimento fastidioso de um formulário (declaração-de-impostos, atestado-médico, pedido-de-arrecadação-automática-das-quitações-de-gás-e-de-eletricidade, formulário-de-inscrição, contrato, aluguel, aditivos-contratuais, recibo etc.) à lista de pequenas compras a fazer com urgência (café, açúcar, areia para gato, livro Baudrillard, lâmpada 75watts, pilhas, linha etc.), da resolução às vezes bastante árdua das palavras cruzadas de Robert Scipion à cópia de um texto enfim passado a limpo, das notas tomadas em uma conferência qualquer aos garranchos instantâneos de algo que poderia ser útil (um jogo de palavras, um jato de palavras, um jogo de letras ou aquilo que nós chamamos comumente de “ideia”), de um “trabalho” literário (escrever, sim, se colocar na sua mesa e escrever, se colocar na frente de sua máquina e escrever e escrever, escrever durante um dia inteiro, ou durante uma noite inteira, esboçar um plano, colocar os grandes Is e os pequenos as, fazer os rascunhos, colocar uma palavra ao lado de uma outra, olhar em um dicionário, recopiar, reler, rasurar, jogar fora, reescrever, classificar, reencontrar, esperar que a inspiração chegue, tentar arrebatrar de alguma coisa que sempre parecerá um rabisco inconsistente qualquer coisas que se assemelhe a um texto, alcançar e não alcançar, sorrir (às vezes) etc.) a um trabalho apenas (elementar, alimentar): selecionar, em uma revista que proporciona, na área da biologia (*life sciences*), o resumo de quase todas as outras, os títulos suscetíveis de interessar os pesquisadores

para os quais eu devo proporcionar a documentação bibliográfica, redigir os fichamentos, reunir referências, corrigir os rascunhos etc.

Et coetera.

5

O espaço começa assim, apenas com palavras, signos traçados sobre a página em branco. Descrever o espaço: nomeá-lo, traçá-lo, como aqueles criadores de mapas marítimos que saturavam os litorais com nomes de portos, nomes de cabos, nomes de enseadas, até que a fronteira entre a terra e o mar seja traçada por uma contínua faixa textual. O aleph, aquele lugar borgiano onde o mundo todo é simultaneamente visível, não é nada mais que um alfabeto?

Espaço inventário, espaço inventado: o espaço se inicia com aquele mapa modelo das antigas edições do *Petit Larousse Illustré*, que representava, em 60cm², cerca de 65 termos geográficos, miraculosamente reunidos, deliberadamente abstratos: eis o deserto com seus oásis, seu uádi e seu chott, eis a fonte e o riacho, a torrente, o ribeirão, o canal, a confluência, o rio, o estuário, a embocadura e o delta do rio, eis o mar e suas ilhas, seu arquipélago, suas ilhotas, seus recifes, suas rochas submersas, seus rochedos, seu cordão litoral, e eis o estreito, o istmo e a península, a enseada e o ponto de estrangulamento, e o golfo e a baía, e o cabo e a calheta, e o pontal, e o promontório, a quase ilha, eis a lagoa e a falésia, eis as dunas, eis a praia, e as bacias, e os pântanos, eis o lago, eis as montanhas, o pico, o glaciar, o vulcão, o contraforte, a encosta, o passo, o desfiladeiro, eis a planície, e o planalto, e o declive, e a colina; eis a cidade e seu ancoradouro, e seu porto e seu farol...

Simulacro de espaço, simples pretexto para a nomenclatura: mas não é necessário sequer fechar os olhos para que esse espaço suscitado pelas palavras, esse único espaço de dicionário, esse único espaço de papel, anime-se, povoe-se, preencha-se: um grande comboio de mercadorias puxado por uma locomotiva a vapor passa sobre o viaduto; barcaças carregadas de cascalho sulcam os canais; pequenos veleiros manobram sobre o lago; um grande transatlântico escoltado por rebocadores penetra o ancoradouro; crianças jogam bola na praia; nos corredores sombreados dos oásis, um árabe usando um grande chapéu de palha cavalga a trote seu asno...

As ruas da cidade estão cheias de carros. Uma dona de casa de turbante bate um tapete à janela. Em pequenos jardins do subúrbio, dezenas de viveiristas estão podando árvores frutíferas. Um destacamento militar apresenta suas armas enquanto um oficial circundado com uma faixa tricolor inaugura desvelando a estátua de um general.

Há vacas nas pastagens, vinhateiro nos vinhedos, lenhadores nas florestas, cordadas de alpinistas nas montanhas. Há um carteiro em sua bicicleta que sobe exaustivamente nas curvas sinuosas de uma estradinha. Há lavadeiras na beira do rio, cantoneiros na beira dos caminhos, e fazendeiras alimentando as galinhas. Filas duplas de crianças saem ao pátio da escola. Há uma vila do final do século solitária, rodeada por altos prédios de vidro. Há pequenas cortinas de xadrez nas janelas, fregueses nos terraços dos cafés, um gato esquentando-se ao sol, uma senhora cheia de pacotes que acena para um táxi, um soldado vigiando um prédio público. Há garis enchendo caminhões de lixo, pintores de fachadas que instalam um andaime. Há babás nas praças, vendedores de livros de segunda mão ao longo do cais; há uma fila em frente à padaria, há um senhor passeando com seu cachorro, outro lendo seu jornal sentado em um banco, outro observando operários demolindo um conjunto de casas. Há um policial controlando o tráfego. Há pássaros nas árvores, marinheiros sobre o rio, pescadores às margens dele. Há uma mulher que levanta a porta de ferro de enrolar de seu armário. Há vendedores de castanhas, encanadores do departamento de águas e esgoto, vendedores de jornal. Há pessoas fazendo suas compras na feira.

Leitores estudiosos leem nas bibliotecas. Professores dão suas aulas. Estudantes fazem anotações. Contadores organizam colunas de números. Os aprendizes de confeitaria recheiam de creme de manteiga filas de carolinas. Pianistas fazem suas escalas. Sentados a suas mesas, meditativos e concentrados, escritores alinham palavras.

Imagem de Épinal. Espaço tranquilizador.

a cama

Durante muito tempo deitava-me por escrito.

Parcel Mroust

1

Geralmente utilizamos a página no sentido da maior de suas duas dimensões. O mesmo vale para a cama. A cama (ou, se preferirmos, a página) é um espaço retangular, maior no comprimento que na largura, no qual, ou sobre o qual, deitamos, normalmente no sentido longitudinal. Não encontramos camas “à italiana” salvo nos contos de fadas (O Pequeno Polegar e seus irmãos e As sete filhas do Ogro, por exemplo) ou em circunstâncias completamente anormais e geralmente adversas (êxodo, após um bombardeio etc.). Mesmo quando utilizamos a cama do modo mais comum, é quase sempre um sinal de catástrofe se muitos têm que dividi-la: a cama é um instrumento criado para o repouso noturno de uma ou duas pessoas, não mais que isso.

A cama é, portanto, o espaço individual por excelência, o espaço elementar do corpo (a cama-mônada), aquele que mesmo o homem mais completamente endividado tem o direito de conservar: os oficiais de justiça não têm o poder de levar *sua* cama; isso também significa – facilmente comprovável na prática – que não temos mais que uma cama, que é a *nossa* cama; quando há outras camas na casa ou no apartamento, elas são consideradas camas de hóspedes ou camas extras. Parece que só dormimos bem na nossa própria cama.

2

Cama = Ilha

Michel Leiris

Foi deitado de bruços na minha cama, que eu li *Vinte anos depois*, *A Ilha Misteriosa* e *Jerry na Ilha*. A cama se tornava a cabana de caçadores de peles, ou bote salva-vidas no oceano em fúria, ou baobá ameaçado pelo incêndio, tenda erguida no deserto, fenda propícia a alguns centímetros daquela por onde passavam meus inimigos com as mãos abanando.

Eu viajei muitas vezes imerso em minha cama. Para sobreviver eu levava comigo os cubos de açúcar que roubava na cozinha e que eu escondia sob o meu travesseiro de rolo (o que arranhava...). O medo – o terror, mesmo – estava sempre presente, apesar da proteção das cobertas e do travesseiro.

A cama: lugar da ameaça não formulada, lugar dos contrários, espaço do corpo solitário encoberto de seus haréns efêmeros, espaço enclausurado do desejo, lugar improvável de enraizamento, espaço do sonho e da nostalgia edipiana:

*Feliz quem pode dormir sem medo e sem remorsos
Na cama paternal, massiva e venerável
Onde todos os seus nascem da mesma forma que morrem.*
José-Maria de Heredia, *Troféus*.

3

Eu amo minha cama. Eu a tenho por um pouco mais do que dois anos. Anteriormente, ela pertencia a uma de minhas amigas que, tendo se mudado para um apartamento tão menor que sua cama, apesar de suas dimensões completamente ortodoxas, não cabendo então no espaço previsto para recebê-la, trocou por aquela que eu tinha e que era ligeiramente mais estreita.

(Eu escreverei um dia – veja o capítulo seguinte – a história, entre outras, de minhas camas.)

Eu amo minha cama. Eu amo ficar estendido sobre minha cama e olhar para o teto com olhar plácido. Eu lhe dedicaria voluntariamente o essencial de meu tempo (e principalmente de minhas manhãs) se as ocupações consideradas mais urgentes (a elaboração da lista seria cansativa) não me impedissem tão frequentemente. Eu amo os tetos, eu amo os frisos e rosetas: elas muitas vezes assumem para mim o lugar de Musa e o emaranhar dos floreios do reboco me remete naturalmente a outros labirintos que tramam as fantasias, as ideias e as palavras. Mas nós já não nos preocupamos mais com tetos. Nós os fazemos desesperadamente retilíneos ou, pior ainda, nós os enfeitamos com as ditas vigas aparentes.

Uma grande prancha de madeira me serviu, por muito tempo, de cabeceira. Com exceção de alimentos sólidos (eu normalmente não tenho fome quando

deitado na cama), ali se encontrava reunido tudo aquilo que me era indispensável, tanto no domínio do necessário quanto no domínio do fútil: uma garrafa de água mineral, um copo, um par de tesourinhas de unha (infelizmente carcomidas), uma revista de palavras-cruzadas do já citado Robert Scipion (eu aproveito a ocasião para lhe fazer uma pequena crítica: no 43º quadrado da referida revista, fora isso excelente, está – implicitamente – escrito *néanmóis* com duas letras m, o que, obviamente, distorce completamente a horizontal correspondente (em que não poderíamos decentemente escrever *assomnoir*) o que compromete sensivelmente a solução do jogo), um pacote de lenços de papel, uma escova de cerdas duras que me permitia dar ao pelo do meu gato (que é na realidade uma gata) um brilho que causava admiração em todos, um telefone, graças ao qual eu poderia, não somente dar aos meus amigos notícias da minha saúde, mas também responder às incontáveis chamadas de que eu não era da Sociedade Michelin, um rádio totalmente transistorizado, emitindo, durante todo o dia, se eu estivesse disposto, várias peças de música clássica intercaladas às notícias sussurradas sobre engarrafamentos, algumas dúzias de livros (alguns que eu pretendia ler e que não lia, outros que eu constantemente relia), álbuns de histórias em quadrinhos, pilhas de jornais, um kit completo para fumantes, várias agendas, cadernetas, cadernos e folhas soltas de papel, um despertador, naturalmente, um tubo de sal de frutas (vazio), outro de aspirinas (meio cheio ou, se preferirmos, meio vazio), ainda outro de Cequinyll (medicamento antigripal, mais ou menos intocado), uma lâmpada, é claro, inúmeros folhetos que eu negligenciava para jogar fora, cartas, canetinhas, canetas esferográficas (umas e outras, muitas vezes secas...), lápis, um apontador, uma borracha (esses três últimos artigos especificamente destinados à resolução das palavras cruzadas acima mencionadas), um cascalho apanhado na praia de Dieppe, algumas outras pequenas lembranças e um calendário dos correios.

4

Algumas outras banalidades:

Passa-se mais de um terço da vida em uma cama.

A cama é um dos raros lugares onde adotamos, *grosso modo*, uma postura horizontal. Os outros são de uso muito mais especializado: mesa de operação, banco de sauna, *chaise longue*, praia, divã do psicanalista...

Técnicas do sono: a ideia de que deitar é algo natural é completamente inexata (ver Marcel Mauss, ‘Técnicas do Corpo’, em *Sociologia e Antropologia*, p.378; o parágrafo inteiro – muito sucinto, infelizmente – vale a pena citar).

Ler: FLUSSER, V. Du lit. *Cause commune* 2, n. 5, 21-27 (1973)

E as redes? E as esteiras? E os estrados? E as camas embutidas? E os divãs profundos como túmulos? E as enxergas de palha? E os vagões-dormitório? E as camas de acampamento? E os sacos de dormir colocados sobre colchões de ar colocados sobre um tatame?

o quarto

1

Fragmentos de um trabalho em curso

Eu conservo uma memória excepcional, acredito que até mesmo muito prodigiosa, de todos os lugares onde já dormi, à exceção daqueles de minha primeira infância – até por volta do fim da guerra – que se confundem sob a cinzenta monotonia de um dormitório de colégio. Para o restante, me basta simplesmente, quando eu estou deitado, fechar meus olhos e pensar com um mínimo de dedicação em determinado quarto para que quase instantaneamente todos os seus detalhes, o posicionamento das portas e janelas, a disposição dos móveis, me venham à memória, para que, mais precisamente, eu reviva a sensação quase física de estar novamente deitado naquele quarto.

Exemplo:

ROCK (Cornuália)

Verão 1954

Ao abrir a porta, a cama está quase imediatamente à esquerda. É uma cama bastante estreita, e o quarto também é bastante estreito (com uma diferença de poucos centímetros, a largura da cama mais a largura da porta somam pouco mais de um metro e cinquenta), e ele não é muito mais longo que largo. Na

extensão da cama, há um pequeno guarda-roupa. Bem ao fundo uma janela de guilhotina. À direita, um lavatório com bancada de mármore, com uma bacia e uma jarra de água, os quais eu creio que não utilizei muito.

Tenho quase certeza de que havia uma reprodução emoldurada sobre a parede da esquerda, em frente à cama; não qualquer reprodução colorida, mas um Renoir ou um Sisley.

Havia um linóleo sobre o chão. Não havia mesa ou poltrona, mas talvez uma cadeira, na parede da esquerda: onde eu jogava minhas roupas antes de me deitar; acho que nunca me sentei nela: eu não ia a esse quarto senão para dormir. Ele ficava no terceiro e último andar da casa, e eu tinha que ser muito cuidadoso subindo as escadas quando voltava tarde para não acordar minha senhoria e sua família.

Eu estava de férias, havia acabado de concluir o ensino médio; eu deveria, a princípio, residir em uma pensão que recebia colegas franceses cujos pais desejavam que aperfeiçoassem o manejo da língua inglesa. Estando, porém, a pensão cheia, fui alojado com os habitantes locais.

Todas as manhãs, minha senhoria abria a minha porta e deixava aos pés de minha cama uma caneca fumegante de *morning tea*, que invariavelmente eu bebia frio. Eu me levantava sempre muito tarde e não consegui mais que uma ou duas vezes chegar a tempo de tomar o abundante café da manhã que era servido na pensão.

Lembramos sem dúvida de que foi durante aquele verão, após os acordos de Genebra e as negociações com Tunísia e Marrocos, que o planeta inteiro, pela primeira vez depois de várias décadas, conheceu a paz: essa situação não se prolongou muito mais do que alguns dias, e não creio que ela tenha sido reencontrada depois.

As memórias estão ligadas à estreiteza daquela cama, à estreiteza daquele quarto, ao amargor intenso daquele chá muito forte e muito frio: naquele verão, bebi *pinks*, doses de gim com pequenas adições de angostura, flertei, muito infrutiferamente, com a filha de um fiandeiro recentemente regressado de Alexandria, decidi me tornar escritor, me obstinei a tocar, em harmônios campestres, a única melodia que aprendi com sucesso: as 54 primeiras notas – tocadas com a mão direita, a esquerda muitas vezes falhando em acompanhar – de um prelúdio de Jean-Sebastian Bach...

O espaço ressuscitado do quarto é suficiente para reanimar, para restituir, para reacender as memórias mais fugazes, as mais triviais como as mais essenciais. A mera certeza cinestésica de meu corpo na cama, bem como a mera certeza topográfica da cama no quarto, reativa minha memória, dá-lhe uma acuidade, uma precisão que ela quase nunca tem em outras circunstâncias. Tal como uma palavra tirada de um sonho restitui, assim que escrita, toda a memória desse sonho, aqui, só o fato de saber (quase sem ter mesmo necessidade de procurar, simplesmente por me manter estendido por alguns instantes e tendo os olhos fechados) que a parede estava a minha direita, a porta a meu lado esquerdo (erguendo o braço, eu poderia tocar a maçaneta), a janela a minha frente faz surgir, instantânea e desordenadamente, um fluxo de detalhes cuja vivacidade me deixa atordoado: aquela jovem com jeito de boneca, aquele Inglês imensamente alongado que tinha o nariz ligeiramente torto (eu o vi novamente em Londres, quando fui passar três dias lá, ao fim de minha estada pseudolinguística: ele me levou a um pub repleto de folhagens onde, infelizmente, nunca mais consegui retornar, e a um passeio-concerto no Albert Hall, onde senti muito orgulho de ouvir, talvez sob a condução de *Sir John Barbiroli*, um concerto para gaita e orquestra especialmente escrito para *Larry Adler...*), os *marshmallows*, os *Rock rocks* (pirulitos decorados, uma especialidade dos balneários; o mais conhecido é o Brighton Rock que é, além de um jogo de palavras – há rochedos em Brighton assim como há falésias em Étretat –, o título de um romance de Graham Greene; ao Rock mesmo, ele era difícil de escapar), a praia cinza, o mar frio, e as paisagens silvestres, com suas velhas pontes de pedra, propícias à aparição de duendes ou fogos-fátuos...

Talvez seja porque o espaço do quarto funciona para mim como uma *madeleine* proustiana (sob a invocação da qual todo esse projeto é evidentemente colocado: ele não quereria ser nada além do que um rigoroso desenvolvimento dos parágrafos 6 e 7 do primeiro capítulo da primeira parte (Combray) do primeiro volume (*O caminho de Swann*) de *Em busca do tempo perdido*, que eu empreendi, vários anos atrás, a realizar um inventário, tão exaustivo e preciso quanto possível de *todos os Lugares onde já dormi*. Praticamente nem comeci a descrevê-los; em contrapartida, creio que mais ou menos consegui listar todos: há aproximadamente duzentos (cada ano aumentam em apenas meia dúzia: me tornei bastante caseiro). Ainda não estou definitivamente certo da maneira como

os classificaria. Certamente não por ordem cronológica. Provavelmente não por ordem alfabética (ainda que seja a única organização cuja pertinência não seria preciso justificar). Talvez segundo suas disposições geográficas, o que acentuaria o aspecto “guia” desta obra. Ou mesmo, segundo uma perspectiva temática que poderia desembocar numa espécie de tipologia dos quartos:

1. *Meus quartos*
2. Dormitórios e alojamentos
3. Quartos amigos
4. Quartos de visita
5. Leitos improvisados (divãs, carpete + almofada, tapetes, *chaises longues* etc.)
6. Casas de campo
7. Vilas alugadas
8. Quartos de hotel
 - a. hotéis sujos, quartos domiciliares, imóveis mobiliados
 - b. palácios
9. Condições incomuns: noites no trem, no avião, no carro; noites no barco; noites de plantão; noites na delegacia; noites em uma barraca; noites no hospital; noites em claro etc.

Em alguns desses quartos, eu passei vários meses, vários anos; na maioria, eu não passei mais que alguns dias ou algumas horas; talvez seja imprudente de minha parte pretender me lembrar de cada um deles: qual era o desenho do papel de parede daquele quarto do Hotel Lion D’Or, em Saint-Chely-d’Apcher (o nome – muito mais surpreendente dito do que escrito – dessa capital do distrito de Lozère que estava, por razões que ignoro, ancorado na minha memória desde o terceiro ano e que eu havia insistido muito para que nós ali parássemos)? É, contudo, evidentemente das memórias ressurgidas desses quartos efêmeros que eu espero as grandes revelações.

2

Pequeno problema

Quando, em um determinado quarto, muda-se a cama de lugar, é possível dizer que se mudou de quarto ou o quê?

(Cf. topoanálise)

3

Viver em um quarto, o que é? Viver em um lugar é se apropriar dele? O que é se apropriar de um lugar? A partir de que momento um lugar é verdadeiramente seu? É quando se coloca de molho seus três pares de meias em um balde de plástico rosa? É quando o espaguete é requentado em um fogareiro de camping? É quando se usam todos os cabides descasados do guarda-roupa? É quando se prega na parede um velho postal que representa o Sonho de Santa Úrsula de Carpaccio? É quando ali são experimentadas as ânsias da espera ou as exaltações da paixão, ou os tormentos das dores de dente? É quando se estica sobre as janelas cortinas que nos agradam, e se coloca o papel de parede e se lixa o piso de madeira?

4

Pequeno pensamento plácido n. 1

Qualquer dono de gato dirá com razão que os gatos habitam muito melhor as casas do que os homens. Mesmo nos espaços mais terrivelmente quadrados, eles sabem encontrar os cantos mais favoráveis.

Pequeno pensamento plácido n. 2

O tempo que passa (minha História) deposita resíduos que se empilham: fotos, desenhos, carcaças de canetinhas secas há tempos, camisas, copos perdidos e copos não devolvidos, embalagens de charutos, caixas, borrachas, postais, livros, poeira e bibelôs: isso é o que eu chamo de minha fortuna.

O apartamento

1

Durante dois anos, tive uma vizinha muito velha. Ela vivia no prédio há setenta anos, ela era viúva há sessenta anos. Durante os últimos anos de sua vida, depois de ter quebrado a cabeça do fêmur, nunca foi mais além do andar de seu apartamento. O porteiro, ou algum jovem do prédio, era quem se encarregava de seus afazeres na rua. Muitas vezes ela me parou na escada para perguntar em que dia estávamos. Um dia fui buscar para ela uma fatia de presunto. Ela me ofereceu uma maçã e me convidou para entrar. Vivia cercada por móveis extremamente sombrios que ela passava seu tempo a polir.

2

Alguns anos atrás, um dos meus amigos criou o projeto de viver um mês inteiro em um aeroporto internacional, sem nunca sair dele (a não ser, sendo todos os aeroportos internacionais por definição idênticos, para pegar um avião que o conduzisse a outro aeroporto internacional). Que eu saiba, ele nunca realizou esse projeto, mas não se vê o que poderia objetivamente o impedir: o essencial das atividades vitais e a maioria das atividades sociais podem se cumprir sem dificuldade no âmbito de um aeroporto internacional: lá se encontram profundas poltronas e bancos não muito desconfortáveis e, muitas vezes, salas de repouso onde os viajantes em trânsito podem tirar uma rápida soneca; lá se encontram banheiros, chuveiros, e, muitas vezes, saunas e banhos turcos; lá se encontram cabeleireiros, pedicures, enfermeiras, massagistas-fisioterapeutas, engraxates, lavanderias expressas, que fazem igualmente o obséquio de reparar saltos e fazer cópias de chaves, relojoeiros e ópticas; lá se encontram restaurantes, bares e cafeterias, lojas de couro e perfumarias, floristas, livrarias, lojas de discos, tabacarias e lojas de doces, lojas de canetas e fotografos; lá se encontram praças de alimentação, cinemas, correio, serviços de secretária volante e, evidentemente, uma enxurrada de bancos (pois é praticamente impossível, nos nossos dias, viver sem ter relações com um banco).

O interesse de tal empreitada estaria, sobretudo, no seu exotismo: um deslocamento, mais aparente do que real, dos hábitos e dos ritmos, os pequenos problemas de adaptação. Isso se tornaria sem dúvida, rapidamente, cansativo; no fim das contas, isso seria muito fácil e por consequência, pouco conclusivo: um aeroporto, visto sob esse ângulo, não é mais do que uma espécie de galeria comercial: um simulacro de bairro; ele oferece, aproximadamente, os mesmos serviços que um hotel. Não se poderia, portanto, tirar de tal empreitada alguma conclusão prática, nem no sentido da subversão, nem no sentido da adaptação. No máximo, poderia servir como tema de reportagem, ou como ponto de partida para um enésimo cenário cômico.

3

Um quarto é um cômodo no qual há uma cama; uma sala de jantar é um cômodo no qual há uma mesa e cadeiras e, frequentemente, um aparador; uma sala de estar é um cômodo no qual há poltronas e um sofá; uma cozinha é um cômodo no qual há um fogão e uma torneira; um banheiro é um cômodo no qual há uma torneira em cima de uma banheira; quando há apenas um chuveiro, se chama box; quando há apenas um vaso, se chama lavabo; uma entrada é um cômodo em que pelo menos uma das portas conduz ao exterior do apartamento; acessoriamente, se pode encontrar um cabideiro; um quarto de criança é um cômodo no qual coloca-se uma criança; um armário de vassouras é um cômodo no qual colocam-se as vassouras e o aspirador de pó; uma dependência é um cômodo que se aluga para um estudante.

Dessa lista, que poderia ser facilmente continuada, é possível tirar estas duas conclusões elementares que proponho a título de definições:

1. Todo apartamento é composto por uma quantidade variável, mas limitada, de cômodos.
2. Cada cômodo tem uma função específica.

Parece difícil ou, melhor, parece irrisório questionar essas evidências. Os apartamentos são construídos por arquitetos que têm ideias muito precisas sobre o que deve ser uma entrada, uma sala de estar (*living-room*, recepção), um quarto de casal, um quarto de criança, uma dependência, um *corredor*, uma cozinha e um banheiro. A princípio, entretanto, todos os cômodos *grosso modo*

se parecem, não vale a pena tentar nos impressionar com histórias de módulos e outras banalidades: não são mais que espécies de cubos, digamos de paralelepípedos retângulos; sempre há ao menos uma porta e, ainda frequentemente, uma janela; são aquecidos suponha-se por um radiador e estão equipados com uma ou duas tomadas (raramente mais do que isso, mas não quero começar a falar sobre a mesquinha dos empreiteiros, porque eu não terminaria nunca). Em suma, um cômodo é um espaço muito maleável.

Não sei, não quero saber onde começa e onde termina o funcional. O que me parece, em todo caso, é que na divisão-padrão dos apartamentos de hoje, o funcional funciona segundo um procedimento unívoco, sequencial e nictemeral:³ as atividades cotidianas correspondem às faixas horárias, e cada faixa horária corresponde a um dos cômodos do apartamento. Vê-se, a seguir, um modelo apenas caricatural:

07.00	A mãe se levanta e prepara o café da manhã na	COZINHA
07.15	A criança se levanta e vai ao	BANHEIRO
07.30	O pai se levanta e vai ao	BANHEIRO
07.45	O pai e a criança tomam o café da manhã na	COZINHA
08.00	A criança pega seu casaco na	ENTRADA
	e vai à escola.	
08.15	O pai pega seu casaco na	ENTRADA
	e vai ao escritório	
08.30	A mãe faz a toailete no	BANHEIRO
08.45	A mãe pega o aspirador de pó no	ARMÁRIO DE VASSOURAS
	e faz a faxina (passa por todos os	
	cômodos do apartamento, mas eu renuncio	
	a listá-los)	
09.30	A mãe pega a sacola de compras na	COZINHA
	e seu casaco na	ENTRADA
	e vai fazer compras	
10.30	A mãe volta do mercado e deixa seu	
	casaco na	ENTRADA
10.45	A mãe prepara o almoço na	COZINHA

³ Eis a frase mais bonita do livro!

12.15	O pai volta do escritório e pendura seu casaco na	ENTRADA
12.30	O pai e a mãe almoçam na (a criança almoça na escola)	SALA DE JANTAR
13.15	O pai pega seu casaco na e volta ao escritório	ENTRADA
13.30	A mãe lava louça na	COZINHA
14.00	A mãe pega seu casaco na e sai para dar um passeio ou fazer compras antes de ir encontrar a criança na saída da escola	ENTRADA
16.15	A mãe e a criança voltam e deixam novamente seus casacos na	ENTRADA
16.30	A criança toma seu lanche na	COZINHA
16.45	A criança vai fazer os seus deveres no	QUARTO DA CRIANÇA
18.30	A mãe prepara o jantar na	COZINHA
18.45	O pai volta do escritório e deixa seu casaco na	ENTRADA
18.50	O pai vai lavar as mãos no	BANHEIRO
19.00	Toda a família janta na	SALA DE JANTAR
20.00	A criança vai escovar os dentes no	BANHEIRO
20.15	A criança vai se deitar em seu	QUARTO DA CRIANÇA
20.30	O pai e a mãe vão á eles veem televisão, ou então escutam o rádio, ou então jogam cartas, ou então o pai lê o jornal enquanto a mãe costura, enfim, eles se entretêm	SALA DE ESTAR
21.45	O pai e a mãe vão escovar os dentes no	BANHEIRO
22.00	O pai e a mãe vão se deitar em seu	QUARTO

Observa-se, nesse modelo do qual eu gostaria de destacar o caráter fictício e problemático permanecendo persuadido de sua exatidão elementar (ninguém vive exatamente assim, certamente, mas é ainda assim, e não de outra forma, que os arquitetos e os urbanistas nos veem viver ou querem que nós vivamos), observa-se, então, por um lado, que a sala de estar e o quarto têm um pouco mais de importância que o armário de vassouras (dentro do armário de vassouras,

colocamos o aspirador; dentro do quarto colocamos corpos exaustos: isso remete às mesmas funções de recuperação e de manutenção) e, por outro lado, que meu modelo não seria praticamente modificado se no lugar de ter, como aqui, os espaços separados pelas paredes delimitando um quarto, uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha etc., considerássemos, como se faz muito hoje, um espaço supostamente único e pseudomodulável (saleta, sala de jantar etc.): ter-se-ia, então, não uma cozinha, mas um canto-cozinha, não um quarto, mas um canto-reposo, não uma sala de jantar, mas um canto-refeições.

Pode-se imaginar, sem esforço, um apartamento cuja disposição repousaria, não mais sobre atividades cotidianas, mas sobre funções de relações: não é de outra forma, ademais, que se operava a divisão modelo dos cômodos ditos de recepção nas mansões do século XVIII ou nos grandes apartamentos burgueses do fim do século: sequência de salas enfileiradas, antecedida por um grande vestíbulo, e cuja especificação se apoia sobre variações mínimas que giram todas ao redor da noção de recepção: grande sala, pequena sala, escritório do Senhor, budoar da Senhora, sala de fumar, biblioteca, sala de jogos etc.

Talvez seja preciso um pouco mais de imaginação para se representar um apartamento cuja divisão estivesse fundada sobre funções sensoriais: concebemos muito bem o que poderia ser um gustatório ou um auditório, mas podemos nos perguntar ao que se pareceria um visatório, um olfatório, ou um palpatório...

De maneira um pouco mais transgressiva, podemos pensar em uma partilha repousando não mais sobre ritmos circadianos, mas sobre ritmos heptadianos:⁴ isso nos daria apartamentos de sete cômodos, respectivamente chamados: o segundatório, o terçatório, o quartatório, o quintatório, o sextatório, o sabatório, e o domingotório. Esses dois últimos cômodos, é importante salientar, já existem, abundantemente comercializados sob o nome de “residências secundárias”, ou “casas de fim de semana”. Não é mais estúpido imaginar um cômodo que seria exclusivamente dedicado à segunda-feira do que construir vilas que só *servem* para sessenta dias por ano. O segundatório poderia perfeitamente ser

⁴ Um *habitat* baseado sobre um ritmo circa-anual existe para alguns *happy few* que dispõem de suficientes residências para poder se esforçar em conciliar seu senso de valor, seu gosto por viagens, as condições climáticas e os imperativos culturais. Os encontraremos, por exemplo, em janeiro no México, em fevereiro na Suíça, em março em Veneza, em abril em Marraquexe, em maio em Paris, em junho no Chipre, em julho em Beirute, em agosto na Dordonha, em setembro na Escócia, em outubro em Roma, em novembro na Costa Azul e em dezembro em Londres...

uma lavanderia (nossos antepassados rurais lavavam roupa na segunda) e o terçatório uma sala de estar (nossos antepassados citadinos recebiam visitas de bom grado toda terça). Isso, evidentemente, não nos afastaria muito do funcional. Melhor seria, tanto quanto possível, imaginar uma disposição temática, um pouco análoga àquela que existia nos bordéis (após seus fechamentos, e até os anos 50, converteram-se em casas de estudantes; vários de meus amigos viveram assim em uma antiga “casa” da rua de l’Arcade: um deles viveu no “quarto de tortura”, um outro no “avião” (cama em formato de cabine, falsas janelas, etc.), um terceiro “na cabana do caçador” (paredes forradas de lenha falsa etc.); esses fatos merecem ser lembrados, particularmente ao autor do artigo “Habitar o inabitual” (*Cause Commune*, 1, no 2, 13-16, 1972) que é igualmente o estimável diretor da coleção na qual aparece esta obra): o secundatório, por exemplo, imitaria um barco; dormiríamos sobre redes, lavaríamos o convés com muita água, e comeríamos peixe; o terçatório, por que não?, comemoraria uma das grandes conquistas do homem sobre a natureza, a descoberta do Polo (Norte ou Sul, tanto faz), ou a escalada do Everest: o cômodo não seria aquecido, dormiríamos sob espessas peles, a alimentação seria à base de pemmican (conserva de carne nos fins de mês, carne-seca nos dias melhores); o quartatório glorificaria evidentemente as crianças: é, desde algum tempo, o dia em que elas não vão mais à escola; isso poderia ser uma espécie de casa de doces: os muros seriam de pão de mel e os móveis de massinha de modelar etc. etc.

4

De um espaço inútil

Em várias ocasiões eu tentei imaginar um apartamento no qual um cômodo seria inútil, absoluta e deliberadamente inútil. Não seria um depósito, não seria um quarto suplementar, nem um corredor, nem uma despensa, nem um recanto. Seria um espaço sem função. Não serviria para nada, não remeteria a nada.

Foi-me impossível, apesar dos meus esforços, levar esse pensamento, essa imagem, até o fim. A própria linguagem, parece-me, mostrou-se inapta a descrever esse nada, esse vazio, como se não pudéssemos falar a não ser do que é pleno, útil e funcional.

Um espaço sem função. Não “sem função precisa”, mas precisamente sem função; não multifuncional (isso todo mundo sabe fazer), mas afuncional. Evidentemente, não teria sido um espaço destinado unicamente a “liberar” os outros (depósito, armário embutido, guarda-roupa, organizador etc.), mas um espaço, repito, que não teria servido para nada.

Às vezes eu chego a não pensar em nada, e nem sequer como o Amigo Pierrot na morte de Luis XVI: de repente me dou conta de que estou aqui, que o metrô acaba de parar e que tendo deixado a estação Dugommier, há noventa segundos, agora eu estou sem dúvida alguma em Daumesnil. Mas, nesse caso, não cheguei a pensar o nada. Como pensar o nada? Como pensar o nada sem colocar automaticamente algo ao redor desse nada, esse que cria um buraco no qual rapidamente se coloca algo, uma prática, uma função, um destino, um olhar, uma necessidade, uma ausência, um excesso...?

Tentei seguir com docilidade essa ideia tão difusa. E encontrei muitos espaços inutilizáveis e muitos espaços inutilizados. Mas eu não queria nem o inutilizável, nem o inutilizado, mas o inútil. Como prescindir das funções, prescindir dos ritmos, dos costumes, como prescindir da necessidade? Eu me imaginei vivendo em um apartamento imenso, tão imenso que eu não conseguia me lembrar quantos cômodos tinha (eu soube antigamente, mas esqueci e eu sabia que era demasiado velho para recomeçar uma contagem tão complicada): todos os cômodos, salvo um, serviriam para algo. A questão era encontrar o último. Não era mais difícil, em suma, que encontrar, no caso dos leitores de A Biblioteca de Babel, o livro que dava a chave para os outros. Havia efetivamente, algo muito próximo da vertigem borgesiana de querer imaginar uma sala reservada para a audição da “Sinfonia nº 48 em Dó”, chamada Maria-Theresa, de Joseph Haydn, outra consagrada à leitura do barômetro ou à limpeza do meu dedo gordo do pé direito...

Pensei no velho príncipe Bolkonski que, quando se inquieta com a condição de seu filho, procura em vão durante toda a noite, de quarto em quarto, com uma tocha na mão e seguido por seu criado Tikhone carregando mantas de pele, a cama onde finalmente encontrará o sono. Pensei em um romance de ficção científica em que a própria noção de *habitat* haveria desaparecido; pensei em outra novela de Borges (O Imortal), na qual alguns homens que haviam perdido a necessidade de viver e de morrer constroem palácios em ruínas e

escadas inutilizáveis; pensei nas gravuras de Escher e em quadros de Magritte; pensei em uma gigantesca caixa de Skinner: um quarto inteiramente preto, um único botão em uma das paredes: ao apertar o botão aparece durante um breve instante algo como uma cruz de Malta cinza sobre fundo branco...; pensei nas grandes pirâmides e nos interiores das igrejas de Saenredam; pensei em alguma coisa japonesa; pensei na vaga lembrança que eu tinha de um texto de Heissenbüttel, em que o narrador descobre um cômodo sem portas e janelas; pensei em sonhos que havia tido sobre o mesmo tema, descobrindo em meu próprio apartamento um cômodo que eu não conhecia...

Eu jamais cheguei a qualquer coisa de verdadeiramente satisfatória. Mas não penso ter perdido completamente meu tempo tentando atravessar esse limite improvável: por meio desse esforço tenho a impressão de que transparece alguma coisa que poderia ter o estatuto de habitável...

5

Mudar-se

Sair de um apartamento. Vazar. Levantar acampamento. Meter o pé. Cair no mundo.

Inventariar arrumar classificar selecionar

Eliminar descartar se livrar

Quebrar

Queimar

Descer desencerrar despregar descolar desparafusar desenganchar

Desligar desatar cortar puxar desmontar dobrar cortar

Rolar

Empacotar embalar atar enlaçar empilhar reunir amontoar amarrar envelopar
proteger cobrir envolver apertar

Tirar carregar levantar

Varrer

Fechar

Partir

Instalar-se

limpar verificar tentar mudar adaptar assinar esperar imaginar inventar investir
decidir vergar dobrar curvar revestir equipar desencapar rachar girar retornar
golpear resmungar disparar amassar orientar proteger cobrir desperdiçar
arrancar cortar conectar esconder desencadear acionar instalar bricolar aplicar
romper atar passar comprimir amontoar repassar polir consolidar afundar cravar
pendurar organizar serrar fixar pregar marcar anotar calcular subir medir dominar
ver percorrer influir com todo o seu peso revestir lixar pintar esfregar raspar
unir subir tropeçar atravessar perder achar revolver perder tempo escovar
mastigar desbastar camuflar mastigar ajustar ir e vir lustrar deixar secar admirar
se encantar se exasperar se impacientar postergar apreciar adicionar intercalar
selar pregar aparafusar fincar costurar se agachar se empoleirar se lastimar
centrar aceder lavar ensaboar avaliar contar sorrir apoiar tirar multiplicar ficar
plantado esboçar comprar adquirir receber devolver desembalar desfazer
emoldurar enquadrar engastar observar considerar sonhar pregar cavar pagar
o pato acampar aprofundar elevar arranjar se sentar se encostar se arquear
enxaguar desenroscar completar categorizar varrer suspirar assoviar trabalhando
umedecer se envolver arrancar exibir grudar jurar insistir traçar lixar escovar
pintar cavar conectar acender iniciar soldar se curvar despregar afiar apontar
deambular diminuir sustentar agitar antes de usar aguçar se extasiar aperfeiçoar
despachar raspar espanar manobrar pulverizar equilibrar verificar umedecer
carimbar esvaziar triturar esboçar explicar levantar os ombros sobrepor dividir
andar pra lá e pra cá fazer estender minutar justapor aproximar combinar cair
laquear tapar isolar avaliar alfinetar arrumar regar pendurar recommençar intercalar
espalhar lavar procurar entrar relaxar

se instalar

habitar

viver

André Vechi Torres *é doutor em literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio e atua como crítico de arte e pesquisador autônomo.*

Mônica Coster *é artista, professora efetiva do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz e Fora e doutoranda em artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.*

Rafael Amorim *é doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.*

Tradução recebida em março de 2025 e aprovada em abril de 2025.

Como citar:

PEREC, Georges. Espécies de espaços. Tradução de André Vechi Torres, Mônica Coster e Rafael Amorim. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 395-426, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n49.23>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>